

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES – ICHCA
CURSO TEATRO LICENCIATURA

ELIANE MARIA DA ROCHA CASTRO

OS ELEMENTOS TEATRAIS NA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS:
A EXPERIÊNCIA COM A PERSONAGEM VOVÓ ZEZÉ

Maceió
2022

ELIANE MARIA DA ROCHA CASTRO

**OS ELEMENTOS TEATRAIS NA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS:
A EXPERIÊNCIA COM A PERSONAGEM VOVÓ ZEZÉ**

Artigo de conclusão de curso, apresentada ao Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes (ICHCA/UFAL) como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura em Teatro.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Lara Barbosa Couto

Maceió
2022

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico
Bibliotecário: Valter dos Santos Andrade

C355e Castro, Eliane Maria da Rocha.

Os elementos teatrais na contação de histórias: a experiência com a personagem Vovó Zezé / Eliane Maria da Rocha Castro, Maceió – 2022.
25 f.

Orientadora: Lara Barbosa Couto.

Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Teatro: Licenciatura) –
Universidade Federal de Alagoas, Instituto de Ciências Humanas,
Comunicação e Artes, Maceió, 2022.

Bibliografia: f. 23-24.

Anexos: f. 25.

1. Contação de histórias. 2. Teatro. 3. Vovó Zezé (Personagem fictício).
I. Título.

CDU: 792.02

Aos meus pais, Antônio e Zenaide (*in memoriam*)

que passaram para os filhos, netos e bisnetos a contação de histórias.

AGRADECIMENTOS

A minha filha pelo incentivo aos estudos.

A todos os professores e servidores técnicos que fizeram parte da minha trajetória na Universidade Federal de Alagoas e Escola Técnica de Artes da Ufal.

A minha orientadora, pela ajuda durante este trabalho.

À Pró-reitoria Estudantil da Ufal (Proest), pelo suporte através da Bolsa Proinart e Pró-Graduando.

Aos colegas com os quais pude compartilhar momentos de aprendizado e crescimento.

RESUMO

A contação de histórias é muito antiga e surgiu antes da escrita, sendo um importante elemento de transmissão da memória nas sociedades de tradição oral. Tendo isso em vista, o presente artigo tem como objetivo promover uma reflexão tanto na teoria quanto na prática sobre a arte de contar histórias, sua aproximação com o teatro, além de apresentar também a experiência pessoal da autora sobre o assunto, que foi possibilitada através da criação da personagem contadora de histórias Vovó Zezé. Pretende-se com este estudo demonstrar como as diversas técnicas teatrais podem contribuir e auxiliar a prática da contação de histórias.

Palavras-chave: Contação de histórias. Elementos teatrais. Personagem.

ABSTRACT

Storytelling is very old and appeared before writing, being an important element of memory transmission in societies with oral tradition. With this in mind, this article aims to promote a reflection both in theory and in practice on the art of storytelling, its approach to theater, in addition to presenting the author's personal experience on the subject, which was made possible through the creation of the storyteller character Vovó Zezé. The aim of this study is to demonstrate how different theatrical techniques can contribute and help the practice of storytelling.

Keywords: Storytelling. Theatrical elements. Character.

INTRODUÇÃO

A contação de histórias faz parte do início da história da humanidade, sendo difícil precisar quando começou. Antes da invenção da escrita, foi responsável pela transmissão do conhecimento de povos de tradição oral, sendo ainda muito importante nessas comunidades.

Contar histórias, portanto, é passar para os ouvintes as nossas tradições, sendo fundamental registrar e ir em busca do papel do contador de histórias, que estimula a imaginação, a criatividade, a dramatização e ludicidade.

Atualmente existe uma diversidade de contadores de histórias, sendo possível observar o quanto a dedicação e o aperfeiçoamento de cada um deles encanta aos ouvintes. Cada um tem a sua particularidade, seja ela na forma de contar, cantar, tocar instrumentos ou manipular objetos.

A cada dia que passa os contadores de histórias vão inovando e se adequando às necessidades do século que estamos vivendo, com a incorporação de vários elementos teatrais em suas apresentações, aproximando a contação de histórias cada vez mais do mundo do teatro.

Essa arte criativa, espontânea e lúdica se aproxima da contemporaneidade através desses contadores, mas é importante não distanciar e esquecer das suas origens, de onde tudo iniciou. Dessa forma, a contação de histórias não terá fim e permanecerá sempre lembrada por muitas outras gerações.

O objetivo da presente pesquisa é promover uma reflexão, com a ajuda de referências bibliográficas baseadas tanto na teoria quanto na prática sobre a arte de contar histórias, sua aproximação com o teatro (através da utilização dos elementos teatrais e suas técnicas), além do conhecimento adquirido pela minha prática pessoal como contadora de histórias, que foi aperfeiçoada com a criação da personagem Vovo Zezé.

A primeira parte desse trabalho aborda a questão da contação de histórias como importante elemento de transmissão da memória nas sociedades de tradição oral. A segunda parte explora quais são as aproximações possíveis entre o teatro e a contação de histórias, analisando como as diversas técnicas teatrais podem colaborar para essa prática. Já a parte final aborda como foi o meu processo de criação da personagem Vovó Zezé, utilizando os conhecimentos adquiridos durante os meus estudos em teatro.

1. CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: TRADIÇÃO E MEMÓRIA

Mauricio Biscaia Veiga¹ afirma que “a capacidade de contar talvez seja a característica mais representativa do ser humano, pois como seres pensantes e criativos estamos o tempo todo criando, contando e recontando histórias”. Já Fábio Henrique Nunes Medeiros² ressalta que “contamos histórias o tempo todo, todo o tempo. [...] Contar histórias talvez seja um dos grandes sentidos da vida dos homens. Quanto mais contamos, mais vivemos”.

Para alguns estudiosos e pesquisadores não existe precisamente o registro do início da contação de histórias. Segundo defende Ângela Barcellos Café³, sempre existiram contadores de história, mesmo antes da criação da linguagem, já que nessa época os humanos poderiam se fazer entender pelos seus gestos, grunhidos, entonações. A autora salienta que durante muitos séculos o contador de histórias exerceu um forte elo entre as gerações. Paulo Santos da Silva e Taiza Mara Rauen Moraes⁴ concordam:

A arte de contar histórias vem desde sociedades remotas cujos contadores, além de serem o fio que conservava as memórias do seu povo, também teciam a arte de mantê-las vivas. Mesmo com o advento do jornal, do livro, das revistas e recentemente da internet, as narrativas orais não desapareceram do cotidiano popular e permanecem como esteios culturais.

Contar histórias pode ser feito de diferentes formas, podendo abarcar tanto a palavra (oral ou escrita) como também por meio de imagens (narrativas visuais ou histórias em quadrinhos), e neste sentido, Veiga⁵ explica (citando Peter Burke em seu livro *Testemunha ocular – história e imagem*) que muito do que se sabe a respeito da pré-história se deve pelas pinturas deixadas por nossos antepassados, pois segundo o autor, há o registro de um fragmento de história dos nossos ancestrais nessas pinturas, pois a criatividade humana e a sua capacidade de narrar já estavam presentes nessa época.

¹ VEIGA, Maurício Biscaia. História da arte e/ou a arte de contar histórias. In: MEDEIROS, Fábio Henrique Nunes (org.). *et. al. Contar histórias: uns passarão e outros passarinhos*. Joinville: Editora Univille, 2015, p. 171.

² MEDEIROS, Fábio Henrique Nunes. Introdução – Revoada de pássaros falantes na cidade das flores ou a conferência dos pássaros ao pé da grande árvore de histórias. In: MEDEIROS, Fábio Henrique Nunes (org.). *et. al. Contar histórias: uns passarão e outros passarinhos*. Joinville: Editora Univille, 2015., p. 14.

³ CAFÉ, Ângela Barcellos. A formação do contador de histórias. In: MEDEIROS, Fábio Henrique Nunes (org.). *et. al. Contar histórias: uns passarão e outros passarinhos*. Joinville: Editora Univille, 2015, p. 187.

⁴ SILVA, Paulo Santos da; MORAES, Taiza Mara Rauen. A contação de lendas no viés do encantamento, memória e valores sociais. In: MEDEIROS, Fábio Henrique Nunes (org.). *et. al. Contar histórias: uns passarão e outros passarinhos*. Joinville: Editora Univille, 2015, p. 222-223.

⁵ VEIGA, Maurício Biscaia. História da arte e/ou a arte de contar histórias. In: MEDEIROS, Fábio Henrique Nunes (org.). *et. al. Contar histórias: uns passarão e outros passarinhos*. Joinville: Editora Univille, 2015, p. 171-172.

Algumas sociedades são caracterizadas por manter uma forte tradição oral, como é o caso de várias comunidades do continente africano, assim como a maioria das tribos nativas do Brasil. É através da oralidade que os conhecimentos adquiridos e a memória desses povos perduram através do tempo.

Como dito anteriormente, é muito difícil estabelecer com precisão quando e onde a contação de histórias teve seu início, mas Rubens Antonio da Rocha⁶ afirma que se for levado em consideração que os povos africanos são os mais antigos da terra, é possível que se possa deduzir que o hábito de contar histórias tenha começado entre estes povos, tendo sido por meio da oralidade que o homem aprendeu e repassou conhecimentos decisivos para a formação cultural dos seres humanos.

Sobre o assunto, o autor explica que os contadores e contadoras de histórias da África (chamados griots e griottes) são pessoas importantes na cultura africana, por representarem uma casta familiar com tradições milenares, que possuem profundos conhecimentos acerca das suas raízes culturais, permanecendo nos dias atuais como “guardiões das tradições e responsáveis por transmitirem os conhecimentos históricos, genealógicos, dos mitos, contos, músicas e cânticos da sua cultura”.⁷

Em decorrência da influência decisiva da cultura africana no Brasil, e tendo em vista que a cultura indígena também é majoritariamente oral, a contação de histórias teve importante participação na formação cultural do nosso povo, pois como explica Janice Cristine Thiél⁸:

Culturas tribais mantêm a contação de histórias para sustentar as bases sociais da comunidade, assegurar a continuidade de conhecimentos e construir uma unidade que entrelaça diferentes gerações.

⁶ ROCHA, Rubens Antonio da. Cultura popular – a contação de histórias como oportunidade de resgate da cultural local. In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. **Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE**, 2016, v. 1, p. 6. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_artigo_arte_un_espar-curitibaai_rubensantoniodarocha.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2019.

⁷ ROCHA, Rubens Antonio da. Cultura popular – a contação de histórias como oportunidade de resgate da cultural local. In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. **Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE**, 2016, v. 1, p. 5. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_artigo_arte_un_espar-curitibaai_rubensantoniodarocha.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2019.

⁸ THIÉL, Janice Cristine. Preservar a tradição oral é essencial para o multiletramento. **Portal aprendiz**, 15 out. 2018. Disponível em: <<https://portal.aprendiz.uol.com.br/2018/10/15/preservar-a-tradicao-oral-e-essencial-para-o-multiletramento/>>. Acesso em: 12 nov. 2019.

Daniel Munduruku⁹, por sua vez, esclarece como se dá a prática da contação de histórias de um dos povos nativos brasileiros, que, segundo ele, acontece através de um ritual em que os velhos assumem o papel de tradutores da tradição indígena, em que durante a solenidade retomam histórias de tempos imemoriais. Sobre tradição indígena, o autor faz uma importante observação:

[...] as pessoas acham que, quando o indígena fala de tradição, ele está falando do passado. Mas não está. Tradição tem a ver com manter ou olhar o passado, mas não é repetir as coisas antigas. Tradição é um método de aprendizado, um método que as pessoas esqueceram, que é justamente não permitir que se percam as experiências que as outras pessoas viveram.¹⁰

Nos costumes do povo mundurucu, pai e mãe educam o corpo, mas quem educa o espírito são os avós, que assumem o papel de formação da mente das crianças, pois são os avós (os velhos) que dão o sentido de existir para os mais jovens, por meio das histórias contadas.¹¹

A contação de histórias lembra a tradição das rodas de conversa, estimulando a valorização das raízes culturais como afirmativas de identidade e pertencimento, mantendo viva a memória acerca das nossas origens e contribuindo também para aproximar diferentes gerações¹², podendo inclusive contribuir para fortalecer a sociedade, pois como explica Gilka Girardello¹³:

A comunidade que fala de si para si está viva, pois o laço narrativo fertiliza o passado por intermédio da centelha que une quem conta a quem ouve. Assim, a vitalidade narrativa mostra-se fundamental para que uma comunidade consiga se constituir, se conhecer e explorar simbolicamente seus direitos e desejos.

A tradição oral garantiu o desenvolvimento da humanidade, pois foi por meio da voz e da gestualidade do corpo que as pessoas se comunicavam em seus rituais¹⁴, o que possibilitou

⁹ MUNDURUKU, Daniel. Contar histórias e tradições indígenas. In: MEDEIROS, Fábio Henrique Nunes (org.). *et. al. Contar histórias: uns passarão e outros passarinhos*. Joinville: Editora Univille, 2015, p. 117-118.

¹⁰ MUNDURUKU, Daniel. Contar histórias e tradições indígenas. In: MEDEIROS, Fábio Henrique Nunes (org.). *et. al. Contar histórias: uns passarão e outros passarinhos*. Joinville: Editora Univille, 2015, p. 119.

¹¹ MUNDURUKU, Daniel. Contar histórias e tradições indígenas. In: MEDEIROS, Fábio Henrique Nunes (org.). *et. al. Contar histórias: uns passarão e outros passarinhos*. Joinville: Editora Univille, 2015, p. 120-121.

¹² ROCHA, Rubens Antonio da. Cultura popular – a contação de histórias como oportunidade de resgate da cultural local. In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. **Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE**, 2016, v. 1, p. 3. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_artigo_arte_un_espar-curitiba_rubensantoniodarocha.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2019.

¹³ GIRARDELLO, Gilka. Rodas de histórias nas cidades: uma poética compartilhada. In: MEDEIROS, Fábio Henrique Nunes (org.). *et. al. Contar histórias: uns passarão e outros passarinhos*. Joinville: Editora Univille, 2015, p. 134.

¹⁴ CAFÉ, Ângela Barcellos. A formação do contador de histórias. In: MEDEIROS, Fábio Henrique Nunes (org.). *et. al. Contar histórias: uns passarão e outros passarinhos*. Joinville: Editora Univille, 2015, p. 187.

manter vivas as histórias passadas de geração em geração, que podem ser encontradas em todas as regiões brasileiras, em diferentes versões, sendo o Brasil um país com uma variedade de histórias, folclores e tradição oral.¹⁵

As narrativas orais são vistas como uma forma de compreender os valores dos antepassados, tendo gêneros diversificados (contos de fadas, fábulas, lendas tradicionais e urbanas).¹⁶ A forma simples das narrativas orais permite ao contador de histórias inserir o seu trabalho no reino do encantamento, encantamento este que é proporcionado pela revelação das memórias de um povo, que, entretanto, são adaptadas pelo contador ao misturar os elementos narrativos com fatos reais.¹⁷

Silva e Moraes¹⁸ esclarecem que os irmãos Grimm, Perrault e Monteiro Lobato são autores que fizeram coletâneas de contos narrados por velhos contadores de histórias, que relatavam suas estórias para os seus ouvintes. Geralmente pessoas analfabetas, que ressignificavam e repassavam aquilo que lhes foi contado para seus filhos e netos.

As narrativas, nesse sentido, estimulam a memória da humanidade, despertando e atualizando valores, além de educar cada povo com seus costumes e tradições, pois as histórias são “a reinvenção do que se quer mudar e a preservação do que se quer manter”.¹⁹ Luis Alberto de Abreu²⁰ explica como isso ocorre na comunidade:

No interior de uma noção forte de "corpo social" estabelece-se um imaginário comum de mitos, crenças, histórias, memória etc. É do interior desse imaginário comum, público e permeável, que ao mesmo tempo em que invade a memória e os valores do indivíduo, abriga e agrega suas contribuições, que as pessoas extraíam o material para suas expressões simbólicas - ritos, mitos, arte. E foi dentro de um imaginário e de experiências tornadas comuns que floresceu a narrativa como transmissora de conhecimento e, mais importante, de experiências individuais para o repertório coletivo.

¹⁵ REICHERT, Carolina; VEIGA, Sônia Regina Biscaia. As vozes de lá e cá: uma experiência com contação de histórias no Projeto Rondon. In: MEDEIROS, Fábio Henrique Nunes (org.). *et. al. Contar histórias: uns passarão e outros passarinhos*. Joinville: Editora Univille, 2015, p. 238.

¹⁶ SILVA, Paulo Santos da; MORAES, Taiza Mara Rauen. A contação de lendas no viés do encantamento, memória e valores sociais. In: MEDEIROS, Fábio Henrique Nunes (org.). *et. al. Contar histórias: uns passarão e outros passarinhos*. Joinville: Editora Univille, 2015, p. 223.

¹⁷ SILVA, Paulo Santos da; MORAES, Taiza Mara Rauen. A contação de lendas no viés do encantamento, memória e valores sociais. In: MEDEIROS, Fábio Henrique Nunes (org.). *et. al. Contar histórias: uns passarão e outros passarinhos*. Joinville: Editora Univille, 2015, p. 225.

¹⁸ SILVA, Paulo Santos da; MORAES, Taiza Mara Rauen. A contação de lendas no viés do encantamento, memória e valores sociais. In: MEDEIROS, Fábio Henrique Nunes (org.). *et. al. Contar histórias: uns passarão e outros passarinhos*. Joinville: Editora Univille, 2015, p. 222-223.

¹⁹ CAFÉ, Ângela Barcellos. A formação do contador de histórias. In: MEDEIROS, Fábio Henrique Nunes (org.). *et. al. Contar histórias: uns passarão e outros passarinhos*. Joinville: Editora Univille, 2015, p. 189.

²⁰ ABREU, Luís Alberto de. A restauração da narrativa. **O Percevejo**. Rio de Janeiro: ano 8, n. 9, 2000, p. 117.

Por meio da contação e de seu universo pode haver a aproximação entre o ouvinte e o contexto social e cultural de seu povo, ou melhor dizendo, a aproximação com a memória social construída que, com a contação, passa a ser ressignificada.²¹ Na experiência se guardam as preciosidades das histórias e, por meio delas, se ressignifica um tempo vivido socialmente, através da analogia entre experiências vividas de um povo com seus ancestrais ou até com outros povos.²²

Mesmo diante do isolamento ou morte dos mais velhos, as narrativas orais (como memória construída em uma tradição) não param de se transformar, desde que exista alguém que as relembrem, ressignificando-as em sua contação e, dessa maneira, havendo quem as conte, o contador cumpre o seu papel social e histórico de eternizar as memórias de um povo através da sua arte.²³

2. O TEATRO NA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: CAMINHOS POSSÍVEIS

Contar histórias depende do meio que é utilizado, pois a relação estabelecida entre o contador e o ouvinte é diferente da relação entre o escritor e o leitor, uma vez que o contador interpreta a história e utiliza estratégias para prender a atenção do público, o que exige o cuidado com a expressão corporal, a voz e o ambiente no qual a história é contada, o que termina por diferenciar a recepção de cada história.²⁴

Por esse motivo, a contação de histórias se aproxima muito das práticas teatrais, por conta da necessidade que o contador de histórias tem de utilizar técnicas inerentes ao trabalho feito pelo ator, para que possa assim ter sucesso na sua prática de encantar através da palavra oral. Contar histórias é também lidar com um estudo performático, incluindo o meio pelo qual

²¹ SILVA, Paulo Santos da; MORAES, Taiza Mara Rauen. A contação de lendas no viés do encantamento, memória e valores sociais. In: MEDEIROS, Fábio Henrique Nunes (org.). *et. al. Contar histórias: uns passarão e outros passarinhos*. Joinville: Editora Univille, 2015, p. 225.

²² SILVA, Paulo Santos da; MORAES, Taiza Mara Rauen. A contação de lendas no viés do encantamento, memória e valores sociais. In: MEDEIROS, Fábio Henrique Nunes (org.). *et. al. Contar histórias: uns passarão e outros passarinhos*. Joinville: Editora Univille, 2015, p. 227.

²³ SILVA, Paulo Santos da; MORAES, Taiza Mara Rauen. A contação de lendas no viés do encantamento, memória e valores sociais. In: MEDEIROS, Fábio Henrique Nunes (org.). *et. al. Contar histórias: uns passarão e outros passarinhos*. Joinville: Editora Univille, 2015, p. 233.

²⁴ THIÉL, Janice Cristine. Preservar a tradição oral é essencial para o multiletramento. **Portal aprendiz**, 15 out. 2018. Disponível em: <<https://portal.aprendiz.uol.com.br/2018/10/15/preservar-a-tradicao-oral-e-essencial-para-o-multiletramento/>>. Acesso em: 12 nov. 2019.

o contador vai introduzir a história, utilizando suas competências, o que se adquire com a prática e o repetir incansável.²⁵

Nesse sentido, para Ângela Barcellos Café²⁶ existem dois tipos de contadores de história na atualidade (com a ressalva de que ela não propõe uma classificação rígida): os tradicionais, que aprendem através da observação e repetição; e os contemporâneos, que mesclam recursos cênicos e se apresentam para variados públicos, e não apenas para a sua comunidade.

Importante lembrar que a contação de histórias não é direcionada a uma idade específica, e por isso, qualquer pessoa pode ser um contador de histórias, assim como também ser um ouvinte e apreciador.²⁷

Carolina Reichert e Sônia Regina Biscaia Veiga pontuam que é comum que se espere de uma oficina de contadores de histórias a apresentação de técnicas de contação, o que seria difícil, pois ninguém consegue ensinar outra a bem contar uma história.²⁸ Para as autoras, é na prática e no desenvolvimento de habilidades que o contador definirá o seu caminho, sendo necessário observar a voz, a emoção, o corpo, a espontaneidade, a segurança do texto, o ritmo, a adequação, o olhar e o silêncio no processo de contação de histórias.²⁹

Para adquirir essa prática, os jogos e as brincadeiras populares, que são parte da nossa cultura e envolvem o imaginário e promovem a desinibição, também podem auxiliar o contador a criar técnicas e formas de contar histórias através de jogos teatrais de improvisação com base em jogos da cultura popular.³⁰

O contador de histórias precisa, num primeiro momento, escolher as histórias que quer contar. Para isso é essencial lembrar as histórias que foram repassadas a ele oralmente, ler outras e selecionar quais farão parte do seu repertório. Também é um processo importante

²⁵ REICHERT, Carolina; VEIGA, Sônia Regina Biscaia. As vozes de lá e cá: uma experiência com contação de histórias no Projeto Rondon. In: MEDEIROS, Fábio Henrique Nunes (org.). *et. al. Contar histórias: uns passarão e outros passarinhos*. Joinville: Editora Univille, 2015, p. 242.

²⁶ CAFÉ, Ângela Barcellos. A formação do contador de histórias. In: MEDEIROS, Fábio Henrique Nunes (org.). *et. al. Contar histórias: uns passarão e outros passarinhos*. Joinville: Editora Univille, 2015, p. 190-191.

²⁷ CAFÉ, Ângela Barcellos. A formação do contador de histórias. In: MEDEIROS, Fábio Henrique Nunes (org.). *et. al. Contar histórias: uns passarão e outros passarinhos*. Joinville: Editora Univille, 2015, p. 198.

²⁸ REICHERT, Carolina; VEIGA, Sônia Regina Biscaia. As vozes de lá e cá: uma experiência com contação de histórias no Projeto Rondon. In: MEDEIROS, Fábio Henrique Nunes (org.). *et. al. Contar histórias: uns passarão e outros passarinhos*. Joinville: Editora Univille, 2015, p. 241.

²⁹ REICHERT, Carolina; VEIGA, Sônia Regina Biscaia. As vozes de lá e cá: uma experiência com contação de histórias no Projeto Rondon. In: MEDEIROS, Fábio Henrique Nunes (org.). *et. al. Contar histórias: uns passarão e outros passarinhos*. Joinville: Editora Univille, 2015, p. 241.

³⁰ CAFÉ, Ângela Barcellos. A formação do contador de histórias. In: MEDEIROS, Fábio Henrique Nunes (org.). *et. al. Contar histórias: uns passarão e outros passarinhos*. Joinville: Editora Univille, 2015, p. 196.

para o contador de histórias imaginar a faixa etária dos ouvintes para que a mensagem seja entendida de forma clara.

O melhor recurso do contador, portanto, é a escolha da história pois é ela que move o narrador, e com a história memorizada as palavras fluirão com maior naturalidade, possibilitando ao ouvinte encarregar-se de materializar em sua mente as imagens propostas pelo contador de histórias.³¹

Benita Prieto considera que quando estamos contando contos populares a nossa espontaneidade e o nosso poder de improviso podem estar mais presentes, mas que ao contarmos literatura autoral deve existir um trabalho com a linguagem que é própria do escritor e que não pode ser deixada de lado pelo contador.³²

Depois de definir qual será a história que o contador irá apresentar, deve-se definir como ela será contada, pensando em como será a sua voz, o seu canto, a sua desenvoltura perante os seus espectadores.

Ângela Finardi considera que quando as histórias são contadas ou lidas em voz alta podem vir a causar maior impacto pela potencialidade que a voz tem de emocionar, pois “a própria sonoridade das palavras acorda memórias ou auxilia na criação de imagens pelas paisagens sonoras formadas”.³³

Por isso a importância de mencionar a voz na contação de histórias, afinal é a voz que estimula o ouvinte através da entonação e emoção de cada palavra, sendo necessário observar o timbre e o ritmo, pois cada fator é essencial para demonstrar aquilo que a história pede.³⁴ Para que o contador tenha esse controle da própria voz é preciso prática vocal, como explica Celso Sisto³⁵:

É preciso aproveitar as possibilidades sonoras para enriquecer a história: cantar, manejar com propriedade o ritmo da fala, criar clima. Construir uma trilha sonora com a voz exige a descoberta, a experimentação e a exploração conscientes dos recursos e das possibilidades individuais. O conhecimento e o uso das técnicas

³¹ LISBOA, Fábio. Empatia e cultura de paz na arte de contar histórias. In: MEDEIROS, Fábio Henrique Nunes (org.). *et. al. Contar histórias: uns passarão e outros passarinhos*. Joinville: Editora Univille, 2015, p. 140.

³² PRIETO, Benita. Um tempo para a oralidade no conto de autor. In: MEDEIROS, Fábio Henrique Nunes (org.). *et. al. Contar histórias: uns passarão e outros passarinhos*. Joinville: Editora Univille, 2015, p. 157.

³³ FINARDI, Ângela. Voz, corpo e memória do contador de histórias. In: MEDEIROS, Fábio Henrique Nunes (org.). *et. al. Contar histórias: uns passarão e outros passarinhos*. Joinville: Editora Univille, 2015, p. 81.

³⁴ REICHERT, Carolina; VEIGA, Sônia Regina Biscaia. As vozes de lá e cá: uma experiência com contação de histórias no Projeto Rondon. In: MEDEIROS, Fábio Henrique Nunes (org.). *et. al. Contar histórias: uns passarão e outros passarinhos*. Joinville: Editora Univille, 2015, p. 241-242.

³⁵ SISTO, Celso. Contar histórias: as poéticas de um narrador. In: MEDEIROS, Fábio Henrique Nunes (org.). *et. al. Contar histórias: uns passarão e outros passarinhos*. Joinville: Editora Univille, 2015, p. 154.

vocais só beneficiarão o trabalho do narrador oral se forem transformadas em prática vocal.

O silêncio é outro aspecto muito significativo da contação de história, por ser capaz de abrir possibilidades para diversas interpretações e dar tempo ao público para refletir sobre o que acabou de ouvir, sendo fundamental que o contador esteja atento aos silêncios presentes na história para que o ouvinte consiga acompanhar seu ritmo.³⁶ Sobre o tema, Benita Prieto³⁷ deixa uma interessante contribuição:

SILÊNCIO! A história precisa entrar pelo ouvido do outro, reverberar no imaginário, transformar-se e ganhar algum sentido, caso contrário a narração não ocorreu. Nada pior do que aquele contador tão ansioso que impede o ouvinte de saborear o texto, criar suas imagens, ler as entrelinhas, tal qual no momento que temos um livro em nossas mãos. Sim, porque o narrador oral é a literatura transformada em voz [...]. Sendo assim, o contador deve ter claro onde e como incluir as pausas que vão favorecer o nosso ouvinte, mas nada de exagerar, visto que se torna muito desagradável a sensação de vazio provocada por um tempo de silêncio que parece interminável e nos leva a imaginar que a história se dispersou por um branco momentâneo em quem está contando, tirando a concentração de quem ouve.

Quando o contador mergulha numa história, ele compreende que cada uma possui seu próprio ritmo. Um texto de humor tem uma agilidade que não combina com uma história de terror. Já a prosa poética constrói imagens que precisam de tempo para assimilação. Portanto, existem pausas diferentes para gêneros diferentes.

Descobrir essa pulsação demanda uma escuta apurada e muita observação. Nossos ouvidos têm de estar ligados na história que estamos contando, não podemos desviar nossa atenção. Também é preciso sentir o que o público nos devolve com o seu olhar, haja vista que por meio dessa interação saberemos o momento exato para acelerar ou ralentar uma história. A concentração tem de ser total.

Tendo isso em vista, o contador de histórias deve considerar a importância dos sons emitidos durante a contação, não somente observando a sua voz, que deve ser aprimorada através de técnicas e prática vocal, mas também percebendo em quais momentos a história que está sendo contada necessita de silêncio para atender ao público.

Outro fundamento que compõe a formação do contador de histórias é conhecer o próprio corpo e seus potenciais comunicativos através da gestualidade da linguagem corporal.³⁸ É preciso empregar o corpo no exercício de contar histórias, o que exige preparo físico, técnicas de respiração, expressão corporal e o uso adequado do espaço cênico.³⁹

³⁶ REICHERT, Carolina; VEIGA, Sônia Regina Biscaia. As vozes de lá e cá: uma experiência com contação de histórias no Projeto Rondon. In: MEDEIROS, Fábio Henrique Nunes (org.). *et. al. Contar histórias: uns passarão e outros passarinhos*. Joinville: Editora Univille, 2015, p. 241.

³⁷ PRIETO, Benita. Um tempo para a oralidade no conto de autor. In: MEDEIROS, Fábio Henrique Nunes (org.). *et. al. Contar histórias: uns passarão e outros passarinhos*. Joinville: Editora Univille, 2015, p. 158.

³⁸ CAFÉ, Ângela Barcellos. A formação do contador de histórias. In: MEDEIROS, Fábio Henrique Nunes (org.). *et. al. Contar histórias: uns passarão e outros passarinhos*. Joinville: Editora Univille, 2015, p. 197.

³⁹ SISTO, Celso. Contar histórias: as poéticas de um narrador. In: MEDEIROS, Fábio Henrique Nunes (org.). *et. al. Contar histórias: uns passarão e outros passarinhos*. Joinville: Editora Univille, 2015, p. 153-154.

A linguagem corporal muitas vezes completa discursos que as palavras não conseguem alcançar, daí a importância de observar esse aspecto durante a contação de histórias⁴⁰. Porém, para Carolina Reichert e Sônia Regina Biscaia Veiga o corpo do contador não pode simplesmente imitar o que sua voz diz, devendo ser evitados gestos demasiado caricatos, sendo mais aconselhável que o contador apele para o lúdico, para o simbólico.⁴¹

Outros elementos teatrais também merecem certos cuidados. Por exemplo, para Benita Pietro⁴² o contador deve se preocupar com sua aparência e o tipo de roupa que vai usar, de preferência vestindo um figurino que tenha relação com a história a ser contada, e no caso de usar uma roupa comum, ter o cuidado de que ela não concorra com o texto. A maquiagem também, se for utilizada, deve seguir os mesmos padrões.

Para a autora citada é preciso ainda organizar o local onde será contada a história, criando um ambiente agradável para que o público sintam-se acolhido e bem acomodado.⁴³ Para isso é necessário começar a pensar no cenário, no espaço físico e em que elementos colocar na cena. É sempre bom também pensar na iluminação, pois o local precisa ter uma claridade ou escuridão que não atrapalhe o tipo de história a ser contada.

Um interessante recurso cênico a ser utilizado, no caso de crianças muito pequenas ou até bebês, são os bonecos e fantoches, pois eles podem auxiliar na contação de histórias, uma vez que é difícil fazer com que os pequenos se concentrem no abstrato, diferentemente dos adultos, que tem a habilidade de transformar palavras em imagens mentais.⁴⁴

Portanto, para que um contador de histórias aprimore a sua contação é essencial a prática, tanto vocal quanto corporal, e para isso as técnicas teatrais podem ser de imenso valor para a sua formação, pois através delas adquire-se uma maior compreensão das possibilidades narrativas. A experiência também o fará perceber como conduzir cada história, e adaptar a contação de acordo com a recepção do público.

⁴⁰ PRIETO, Benita. Um tempo para a oralidade no conto de autor. In: MEDEIROS, Fábio Henrique Nunes (org.). *et. al. Contar histórias: uns passarão e outros passarinhos*. Joinville: Editora Univille, 2015, p. 158-159.

⁴¹ REICHERT, Carolina; VEIGA, Sônia Regina Biscaia. As vozes de lá e cá: uma experiência com contação de histórias no Projeto Rondon. In: MEDEIROS, Fábio Henrique Nunes (org.). *et. al. Contar histórias: uns passarão e outros passarinhos*. Joinville: Editora Univille, 2015, p. 244kk.

⁴² PRIETO, Benita. Um tempo para a oralidade no conto de autor. In: MEDEIROS, Fábio Henrique Nunes (org.). *et. al. Contar histórias: uns passarão e outros passarinhos*. Joinville: Editora Univille, 2015, p. 159.

⁴³ PRIETO, Benita. Um tempo para a oralidade no conto de autor. In: MEDEIROS, Fábio Henrique Nunes (org.). *et. al. Contar histórias: uns passarão e outros passarinhos*. Joinville: Editora Univille, 2015, p. 159.

⁴⁴ LISBOA, Fábio. Empatia e cultura de paz na arte de contar histórias. In: MEDEIROS, Fábio Henrique Nunes (org.). *et. al. Contar histórias: uns passarão e outros passarinhos*. Joinville: Editora Univille, 2015, p. 140.

3. VOVÓ ZEZÉ: MINHA EXPERIÊNCIA COM CONTAÇÃO

Em um passado pouco distante, a contação de histórias ainda se fazia presente no dia a dia das famílias brasileiras, antes da chegada das mídias digitais, como relembra Rubens Antonio da Rocha⁴⁵:

Ao redor de uma mesa, ou aquecidos por um fogão a lenha, os familiares ouviam atentamente as experiências de vida dos mais velhos, transformadas em histórias. As gerações que nos antecederam, tiveram a oportunidade de viver estes momentos de aconchego, de sentir os aromas no ar, onde havia intimidade com as palavras. Eram histórias carregadas de personagens e imagens, com a musicalidade das vozes que se alternavam, pela magia que envolvia o círculo familiar. A prática de reunir a família para contar histórias e conversar, era um hábito comum nos lares, um legado quase desaparecido, mas que, em alguns círculos familiares as rodas de prosa bravamente ainda resistem ao apelo fácil das mídias.

Tive o prazer de presenciar essa tradição quando eu era criança e adolescente, e nessa época ouvi várias histórias contadas em rodas de conversa. Havia um revezamento e algumas pessoas se arriscavam para contar as suas versões. Tinha uma frase que era passada ao término da contação, que significava passar para o outro dar continuação: entrou pelo bico do pato e saiu pelo bico do pinto... seu rei mandou você contar vinte e cinco... histórias! Era um ritual, empiricamente falado e sem conhecimentos teóricos.

Já adulta, eu tive a oportunidade de começar a estudar teatro através da Universidade Federal de Alagoas. Primeiro participei do projeto de extensão de Iniciação ao Teatro no ano de 2010. Depois, em 2011, comecei o curso Técnico de Arte Dramática, ao qual concluí em 2017. Entrei na Licenciatura em Teatro no ano de 2016, e durante esse período, participei da ação de extensão do Programa de Iniciação Artística (Proinart) *Contando, Ouvindo e Recontando Histórias*, coordenada pelo professor David Farias Torres Chagas, entre agosto de 2016 e agosto de 2017.

É sobre esse projeto - em que retomei a minha memória afetiva sobre a contação de histórias, dessa vez utilizando elementos teatrais para ajudar na minha performance - que irei falar no presente momento. Através desta ação me apresentei na 8ª Bienal Internacional do Livro de Alagoas, no museu Théo Brandão e no Espaço Cultural, com uma personagem, a Vovó Zezé, uma contadora de histórias.

⁴⁵ ROCHA, Rubens Antonio da. Cultura popular – a contação de histórias como oportunidade de resgate da cultural local. In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. **Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE**, 2016, v. 1, p. 2-3. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_artigo_arte_un_espar-curitibaai_rubensantoniodarocha.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2019.

A sugestão para a criação da personagem foi feita pelo professor David Farias, que também sugeriu o nome e uma estória para ela. No caso, a Vovó Zezé tinha uma neta chamada Poliana, que passava as férias na casa da avó. A personagem gostava de contar histórias para a sua neta quando ela estava lá. Porém, naquele ano, Poliana teria faltado por estar distraída no *facebook*, *instagram*, *whatsapp*, deixando a vovó triste e daí então ela relataria o ocorrido para a plateia, propondo-se a contar uma história para eles. Na hora de dizer os termos das redes sociais, a personagem fala errado essas palavras para dar um efeito cômico, fazendo um trocadilho com o *instagram* estar estragando sua relação com a neta.

Sendo assim, durante a minha apresentação, eu não chegaria como Eliane, contadora de histórias, mas como uma atriz interpretando uma personagem contadora de histórias. O coordenador do projeto achou importante fazer a aproximação com o público dessa forma, inserindo um esquete antes da história principal a ser contada, a fim de gerar uma identificação maior com as crianças, público-alvo inicial do projeto de extensão.

Depois dessa decisão, de como se daria o contato inicial com a plateia, o próximo passo foi escolher a história a ser contada. Reuni diversos livros infantis para isso, procurando em diversas fontes, sendo de grande ajuda as bibliotecas disponíveis na Ufal. Por fim, escolhi o conto que mais me identifiquei. A história selecionada foi a dos músicos de Bremen, publicada pelos irmãos Grimm em 1819.

Na história, os animais seriam abandonados pelos seus donos por estarem envelhecendo, mas os bichos conseguem dar um novo destino as suas vidas, arrumando uma nova profissão e com isto todos sentem-se felizes, pois nunca é tarde para recomeçar à vida. Minha formação em teatro também foi um recomeço, pois iniciei meus estudos após os 50 anos, por isso me identifiquei muito com essa estória.

Hora de cuidar dos aspectos visuais da apresentação. O figurino da personagem é composto por uma blusa colorida e uma calça preta simples, além de óculos como adereço. Durante a apresentação eu também utilizei dois bonecos, chamados de Mariquinha e Manoel, confeccionados de garrafa pet por mim, e vestidos com um figurino que eu fiz também, produzidos durante uma disciplina do professor José Acioli Filho.

Nessa parte da criação dos bonecos, a minha experiência como artesã foi bastante importante, já que eu pratico desde os 10 anos de idade, quando, por curiosidade, olhava a minha mãe fazer crochê, e depois de já adulta quando aprendi a bordar à mão e na máquina de costura, além de outros aprendizados, como produção de bijuterias e flores artesanais.

Em determinado momento, a Vovó lembra dos bonecos dentro de um baú que fica no cenário, e então a personagem começa a dar vida aos bonecos, que cantam um trecho da música Dona Mariquinha do Mestre Verdellino. Então Seu Manoel e Dona Mariquinha beijam-se e dão um abraço, felizes pelo encontro. Essa foi uma maneira de incluir esse elemento lúdico dentro do espetáculo, aproveitando para utilizar um dos recursos teatrais que adquiri durante o meu aprendizado como aluna do curso de teatro da Ufal, bem como uma oportunidade para cantar durante a apresentação.

Para o cenário foram cedidos dois baús da Escola Técnica de Artes da Ufal, sendo um maior e outro menor. Dentro do baú menor estava guardado um espanador para a vovó iniciar fazendo a faxina dos objetos em cena. Em um baú maior, que a personagem utilizava para sentar em determinado momento, havia também várias linhas de crochê e um bastidor com tecido, para que ela fizesse uma breve demonstração de bordado, afinal a vovó era prendada. No baú maior também ficavam os dois bonecos citados antes e um pandeiro.

Para a iluminação na 8ª Bienal Internacional do Livro de Alagoas foi liberado pela ETA um refletor de luzes coloridas e vários tons, dando um efeito muito especial no cenário e na apresentação. Já na apresentação do Espaço Cultural foram utilizados os refletores da Sala Preta, porém no Museu nenhum desses equipamentos pode ser usado, utilizando-se apenas a iluminação natural do ambiente. Nesse sentido, a iluminação teve de ser adaptada de acordo com os recursos disponíveis no local da contação.

No momento inicial, Vovó Zezé entra cantando uma música (Plantei um canavial), pega um espanador no baú menor e começa uma faxina. Então a personagem, ao se aproximar do baú maior, pega o pandeiro e começa a tocar e cantar a música Araúna (Mestre Verdellino). Foram utilizadas, portanto, várias músicas no decorrer da apresentação, que serviam como uma espécie de transição entre as histórias contadas: a da Vovó Zezé e a dos músicos de Bremen.

Vovó Zezé então pega um livro marcado por um lápis e assopra no meio desse livro. Nessa hora foi utilizado um talco para dar o efeito de poeira para causar a impressão na plateia de que o livro estava sendo pouco usado, pois a neta não ia mais visitar a avó, e ela só abria o livro para contar histórias para Poliana. É a partir desse momento que a história dos Músicos de Bremen, dos contos de Grimm, é contada por Vovó Zezé através de uma releitura, onde foi acrescentada, por fim, uma música adaptada da canção Eu vou do filme da Branca de Neve e os Sete Anões:

Eu vou, eu vou, eu vou,
Para a cidade de Bremen agora eu vou,
Eu vou, eu vou!

A história dos Músicos de Bremen, que pesquisei para essa ação, me tocou muito, fazendo parte agora do meu repertório como contadora de histórias. Como diria Ângela Finardi⁴⁶: “As histórias são mágicas, nos fazem imaginar, frequentar outros mundos, ampliar ou reconhecer o nosso mundo, resgatar a nossa identidade. A ação de contar histórias propicia uma vivência comunitária quase perdida na aceleração da vida moderna”. A personagem Vovó Zezé é um reflexo disso, pois sua neta não tem mais interesse em ouvir suas histórias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A contação de histórias é uma prática presente entre as ações artísticas atuais, mas também remete ao passado, quando por muito tempo era utilizada como forma da comunidade se conectar e repassar seus conhecimentos e crenças. Com a modernização, essa prática foi se modificando e ganhando outros contornos.

Uma dessas possibilidades é a utilização de recursos teatrais para auxiliar na contação de histórias, principalmente entre os contadores que não foram formados através de uma tradição nessa área, como é o caso dos que aprendem desde muito novos em sociedades de tradição oral. Por isso, minha experiência na participação do projeto do Proinart foi muito enriquecedora, pois vários dos aprendizados que tive na minha vivência com o teatro foram utilizados, servindo para me aprimorar como contadora de histórias.

Para mim, a parte visual do projeto, como o figurino, a cenografia e a criação de bonecos, foi uma das que tive maior facilidade, pelo fato de eu já ter habilidades artesanais anteriores à minhas experiência com o teatro.

Ter de adaptar cada apresentação de acordo com o local em que aconteceria, muitas vezes usando menos recursos cênicos, como iluminação ou elementos de cenografia, também serviu para aprimorar a minha contação e capacidade de adaptação.

⁴⁶ FINARDI, Ângela. Voz, corpo e memória do contador de histórias. In: MEDEIROS, Fábio Henrique Nunes (org.). *et. al. Contar histórias: uns passarão e outros passarinhos*. Joinville: Editora Univille, 2015, p. 80-81.

A introdução de músicas durante a apresentação foi interessante, pois elas serviram como uma espécie de ponte entre uma cena e outra, além de envolver o público, que muitas vezes cantava junto, aumentando o interesse da plateia.

Por fim, no meu caso, a criação da Vovó Zezé foi uma escolha narrativa que trouxe mais um elemento teatral para a contação, pois havia uma encenação da personagem sobre sua estória de vida antes da história dos Músicos de Bremen, dando um toque a mais ao desempenho.

Respondendo à questão central do trabalho, que era a de refletir como as diversas técnicas teatrais podem auxiliar a prática da contação de histórias e tendo em vista os estudos desenvolvidos e minha experiência pessoal, considero que tais recursos podem contribuir para o enriquecimento da contação, ao facilitar o aprimoramento do contador.

A contação de histórias possibilita ao contador acrescentar outras habilidades que possua ao seu desempenho, como foi o meu caso com o bordado, o canto e a confecção de bonecos. Através do uso de aptidões específicas e da experiência aplicada, o contador pode desenvolver cada vez mais seu estilo pessoal de contar.

REFERÊNCIAS

ABREU, Luís Alberto de. A restauração da narrativa. **O Percevejo**. Rio de Janeiro: ano 8, n. 9, 2000.

CAFÉ, Ângela Barcellos. A formação do contador de histórias. In: MEDEIROS, Fábio Henrique Nunes (org.). *et. al.* **Contar histórias: uns passarão e outros passarinhos**. Joinville: Editora Univille, 2015.

FINARDI, Ângela. Voz, corpo e memória do contador de histórias. In: MEDEIROS, Fábio Henrique Nunes (org.). *et. al.* **Contar histórias: uns passarão e outros passarinhos**. Joinville: Editora Univille, 2015.

GIRARDELLO, Gilka. Rodas de histórias nas cidades: uma poética compartilhada. In: MEDEIROS, Fábio Henrique Nunes (org.). *et. al.* **Contar histórias: uns passarão e outros passarinhos**. Joinville: Editora Univille, 2015.

LISBOA, Fábio. Empatia e cultura de paz na arte de contar histórias. In: MEDEIROS, Fábio Henrique Nunes (org.). *et. al.* **Contar histórias: uns passarão e outros passarinhos**. Joinville: Editora Univille, 2015.

MEDEIROS, Fábio Henrique Nunes. Introdução – Revoada de pássaros falantes na cidade das flores ou a conferência dos pássaros ao pé da grande árvore de histórias. In: MEDEIROS, Fábio Henrique Nunes (org.). *et. al.* **Contar histórias: uns passarão e outros passarinhos**. Joinville: Editora Univille, 2015.

MUNDURUKU, Daniel. Contar histórias e tradições indígenas. In: MEDEIROS, Fábio Henrique Nunes (org.). *et. al.* **Contar histórias: uns passarão e outros passarinhos**. Joinville: Editora Univille, 2015.

PRIETO, Benita. Um tempo para a oralidade no conto de autor. In: MEDEIROS, Fábio Henrique Nunes (org.). *et. al.* **Contar histórias: uns passarão e outros passarinhos**. Joinville: Editora Univille, 2015.

REICHERT, Carolina; VEIGA, Sônia Regina Biscaia. As vozes de lá e cá: uma experiência com contação de histórias no Projeto Rondon. In: MEDEIROS, Fábio Henrique Nunes (org.). *et. al.* **Contar histórias: uns passarão e outros passarinhos**. Joinville: Editora Univille, 2015.

ROCHA, Rubens Antonio da. Cultura popular – a contação de histórias como oportunidade de resgate da cultural local. In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. **Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE**,

2016, v. 1. Disponível em:

<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernos/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_artigo_arte_unespar-curitiba/rubensantoniodarocho.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2019.

SILVA, Paulo Santos da; MORAES, Taiza Mara Rauen. A contação de lendas no viés do encantamento, memória e valores sociais. In: MEDEIROS, Fábio Henrique Nunes (org.). *et. al. Contar histórias: uns passarão e outros passarinhos*. Joinville: Editora Univille, 2015.

SISTO, Celso. Contar histórias: as poéticas de um narrador. In: MEDEIROS, Fábio Henrique Nunes (org.). *et. al. Contar histórias: uns passarão e outros passarinhos*. Joinville: Editora Univille, 2015.

THIÉL, Janice Cristine. Preservar a tradição oral é essencial para o multiletramento. **Portal aprendiz**, 15 out. 2018. Disponível em:
<<https://portal.aprendiz.uol.com.br/2018/10/15/preservar-a-tradicao-oral-e-essencial-para-o-multiletramento/>>. Acesso em: 12 nov. 2019.

VEIGA, Maurício Biscaia. História da arte e/ou a arte de contar histórias. In: MEDEIROS, Fábio Henrique Nunes (org.). *et. al. Contar histórias: uns passarão e outros passarinhos*. Joinville: Editora Univille, 2015.

ANEXOS



Figura 1 - Cena de Vovó Zezé, Centro Cultural e de Exposições Ruth Cardoso, 2017. Maceió.



Figura 2 - Cena de Vovó Zezé, Centro Cultural e de Exposições Ruth Cardoso, 2017. Maceió.